

Impactos da educomunicação e das *fake news* no cursinho EJA: O caso da Rede Emancipa de Comunicação em Ribeirão Preto

Autores: Marília Campos¹, Belisa Figueiró²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

¹*mariliachonorio@gmail.com* – *Jornalismo*, ²*belisafigueiro@baraodemaua.br*

Resumo

Este artigo mapeou os impactos que a aplicação da educomunicação tem em cursinhos populares e como ela pode contribuir para a emancipação de estudantes de diferentes faixas etárias. Para isso foi feito um estudo de caso na Rede Emancipa de Ribeirão Preto para compreender como as *fake news* e a desinformação podem ser identificadas e combatidas

Introdução

Com o surgimento e avanço das tecnologias, a comunicação não só ampliou como se tornou também mais fácil. O acesso a telefones celulares e computadores deixou o cenário mais democrático e eliminou fronteiras geográficas permitindo que as mensagens chegassem com mais agilidade ao receptor.

Apesar da capacidade de encurtar distâncias, a efetividade da comunicação, por vezes, é comprometida. O maior desafio enfrentado desde que as novas tecnologias chegaram é conseguir transmitir e lidar com tantas informações sem que haja ruídos interferindo. O papel do especialista em comunicação é ser capaz de compartilhar uma mensagem com a clareza e coerência devida, proporcionando à maioria das pessoas compreendê-la.

Nesta pesquisa, o objetivo foi examinar como a educomunicação, aplicada em sala de aula como um projeto educacional, é capaz de ensinar estudantes sobre a utilidade das mídias e também alertar para os riscos desse consumo sem uma visão crítica sobre os conteúdos. Para isso, foi realizado um estudo de caso na Rede Emancipa de Comunicação em Ribeirão Preto, um movimento social de educação popular que busca proporcionar a todos o acesso a uma educação pública emancipatória e de boa qualidade.

O estudo se faz necessário para compreender como projetos de educomunicação podem ser elaborados e aplicados dentro de espaços educacionais de forma a atraírem a atenção de alunos para sua importância. Existem estudos recentes publicados sobre o tema que analisam as aplicações da educomunicação em cenários específicos, como foi o caso da pandemia da Covid-19, e também no ensino remoto. Além disso,

outros se aprofundam a partir da competência crítica e da educomunicação para entender o potencial de enfrentamento da desinformação, incluindo propostas de capacitação de professores.

Dessa forma, este trabalho buscou ampliar os estudos sobre o tema ao fazer uma análise da aplicação da educomunicação em espaços educacionais. Dentro do contexto específico de um cursinho popular composto por adultos e idosos que não completaram o estudo básico, foi possível obter resultados convincentes sobre os impactos que a educomunicação tem em espaços educacionais.

Metodologia

Foi feito um estudo de caso utilizando a técnica da revisão bibliográfica para chegar aos resultados deste trabalho. A maneira encontrada para fazer o aluno chegar às suas próprias conclusões foi promover uma oficina de análise de manchetes com informações falsas. Em duplas, formadas por um estudante e um monitor da Rede Emancipa, os alunos foram identificando características do texto, formatação do site, ortografia e mensagem transmitida que não condizem com o que sabiam sobre o tema abordado, ou que se apresentavam como sensacionalistas. Essas observações foram listadas e depois compartilhadas entre todos os presentes. A dinâmica ainda proporcionou que os participantes contassem episódios em que foram ludibriados pelas 'fake news' e de como descobriram que não se tratava de um fato.

O jornalismo e a educomunicação

O comunicador tem um papel fundamental na transmissão de uma mensagem, mas é importante ressaltar que o esforço também deve existir por parte do receptor para captá-la da maneira correta. Dessa forma, a educomunicação se apresenta como um meio de alinhar as pessoas às tecnologias midiáticas conforme seu desenvolvimento, de forma com que haja conhecimento e pensamento crítico suficientes para operá-las.

As propostas de educomunicação podem ser apresentadas em ambientes educativos, sejam

eles da escola ou de cursinhos populares, de forma a conscientizar a população sobre os meios de comunicação.

“Além disso, a educomunicação é um campo vasto e complexo que busca, por um lado, alfabetizar o público em relação aos meios de comunicação, explorando suas possibilidades discursivas e a forma como a tecnologia enforma e informa produtos e mensagens, permitindo diferentes interpretações do mundo que nos cerca” (Costa; Romanini, 2019, p. 09)

No cursinho popular da Rede Emancipa, objeto deste estudo, o perfil comum dos participantes são adultos, inclusive idosos, que tiveram que abandonar os estudos em decorrência da necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa. Em sua maioria, são encorajados pelos filhos e pela família a conquistarem o diploma e, por isso, participam das aulas e se preparam para o Encceja - Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos. Ao atingir a pontuação mínima na prova, o estudante consegue o diploma do ensino fundamental ou médio.

O educador e filósofo brasileiro Paulo Freire é um dos autores mais bem sucedidos quando o assunto é alfabetização de adultos. Nascido há mais de 100 anos, seu legado continua vivo e é perpetuado através de estudos e pesquisas. Seus trabalhos nos ajudam a compreender como se dá a aproximação pedagógica da educomunicação com a comunidade. O autor é sempre celebrado e visto como modelo de educação em cursinhos populares pela contribuição deixada, inclusive na Rede Emancipa.

“A proposta pedagógica de Paulo Freire nasce da luta social, portanto o espaço educativo é mais do que a escola formal. Ao realizar um projeto educ comunicativo popular, antes de tudo, deve-se conhecer a comunidade e seu contexto social, econômico, cultural, familiar, enfim, mergulhar na realidade oculta que pode desvelar os temas geradores do grupo” (Silva, 2020, p. 09)

Mais do que apenas preparar o aluno para passar na prova, a Rede Emancipa se destaca por promover debates, eventos e aulas específicas sobre temas de grande relevância para conscientizar sobre o papel de cada um na sociedade. As disciplinas comuns como Português e Matemática têm vez, mas o Dia Mundial da Consciência Negra e a educação midiática recebem igual atenção, por exemplo. Entende-se que debates e oficinas com temas de emancipação são também importantes para empoderar e desenvolver criticamente os alunos.

É preciso que o educando entenda, primeiramente, qual lugar ocupa na sociedade e seu papel em vista de reforçar a sociedade que compõe. Por isso, Freire é a favor do diálogo, o

que proporciona a inclusão dos alunos e descentraliza a figura do professor.

“O que Freire propõe como método é simples: observar a realidade, escutar com atenção os educandos, elaborar com eles temas de estudo que os motivem a pensar o mundo a partir da problematização da realidade. O grande salto civilizatório de Freire é ouvir o aluno, construir com ele conhecimento – aprendendo com ele” (Silva, 2020, p. 09).

As fake news ganham espaço

O advento da internet proporcionou aos usuários terem acesso quase que imediato às informações. Fica claro, portanto, a importância de formar um público usuário com conhecimento crítico para saber diferenciar as informações verdadeiras e confiáveis de outras incertas.

Popularmente, as informações reconhecidas como falsas foram denominadas por “fake news”, um termo usado para se referir a notícias fabricadas. De acordo com o jornalista e professor Eugênio Bucci (2018, p.09), “ninguém discorda de que ao menos um pedaço da responsabilidade pela desvalorização da verdade factual cabe às redes sociais e à internet, onde se acomodaram confortavelmente as forças dedicadas à produção das notícias fraudulentas”.

Mais do que notícias criadas para informar errado, ainda há aquelas que visam desconstruir a visão existente sobre algo, não só noticiando errado como desinformando a população e moldando pontos de vista. Esse tipo de notícia falsa tende a ser muito nocivo para a sociedade quando propagado em grande escala, atingindo muitas pessoas.

“Contudo, com a velocidade da demanda de informações no meio digital e o espalhamento de informações com uma rapidez multiplicada, a desinformação ganha vulto com o fenômeno de circulação de fake news” (Brisola, 2018, p. 08).

As notícias fabricadas possuem características em comum, entre elas o exagero e o rigor de adjetivos para detalhar uma inverdade. Isso facilita a imersão das pessoas na história, aumentando as chances de que ela acredite na mensagem que está sendo transmitida. Além disso, esse tipo de conteúdo apela para o lado sentimental das pessoas, provocando emoções intensas ao compreender o que está sendo noticiado. Bucci define o uso do sentimentalismo na notícia como “infalível”.

“Uma notícia (falsificada, fraudulenta ou mesmo verdadeira, pouco importa) só se difunde à medida que corresponda a emoções, quaisquer emoções, “positivas” ou “negativas”. Sobre o factual, predomina o sensacional – daí o sensacionalismo. Sobre o argumento, o sentimento ou o sentimentalismo. Esses registros da percepção e

do sensível, que passam pelo desejo, pelo sensacional, pelo sentimental, proporcionam conforto psíquico aos indivíduos enredados em suas fantasias narcisistas. A receita se revelou infalível” (Bucci, 2018, p. 10).

O autor ainda pontua que, apesar das tecnologias existentes nos dias de hoje serem capazes de impulsionar as *fake news*, as pessoas continuam sendo as grandes responsáveis por essa veiculação. A notícia causa um impacto emocional no público, que tende a reagir compartilhando o conteúdo e contribuindo ainda mais para a desinformação. O fenômeno se torna cíclico.

“Mas por que *fake news* são mais velozes? Por que repercutem mais? Os dados indicam que o que faz a diferença não são algoritmos ou tecnologias apenas, mas gente, gente de carne e osso. Softwares e estratégias digitais pesam muito, é claro, e permitem manipulações que nunca tinham sido vistas, como foi verificado no caso da Cambridge Analytica (THE CAMBRIDGE..., 2018). Mesmo assim, o fator que parece ser realmente decisivo são pessoas de verdade” (Bucci, 2018, p. 03).

Os usuários são bombardeados a todo momento com muitas informações. O grande volume de notícias torna inviável a checagem dos fatos e os leitores automatizam a aceitação de todos eles mesmo sem sua confirmação. Dessa maneira, a dispersão de uma *fake news* ganha proporções enormes.

“Os usuários, atropelados pela quantidade e velocidade de informações, não têm tempo de checar as origens, credibilidade e veracidade das informações que recebem. Associando velocidade, quantidade de informação e direcionamento adaptado ao usuário, as *fake news* ganham rápida e facilmente espaço, engordando e se espalhando como filhotes bem alimentados” (Brisola; Bezerra, 2018, p. 12).

Há uma tendência do usuário a acreditar que aquela informação a qual está consumindo é totalmente gratuita. Apesar dessa percepção, o valor a ser pago é o da própria convicção, de acreditar nas informações independentemente de quais sejam elas..

“E, embora se vejam como “clientes” de um “serviço” que imaginam gratuito, esses usuários são também a mercadoria final. São seus olhos que são vendidos aos anunciantes, o que parece alegrá-los enormemente” (Bucci, 2018, p. 11).

Do ponto de vista de grandes grupos corporativos, as *fake news* são interessantes por sua rentabilidade. Despreocupados com os impactos que elas podem gerar, as redes sociais investem em impulsionar notícias que atraiam a atenção de usuários. Quando o interesse é revertido em acesso à página, as empresas se beneficiam economicamente. Bucci ressalta o quão viável é exercer essa atividade na internet.

“Notícias fraudulentas dão lucro. Dentro do ambiente virtual do Google e do Facebook, a fraude compensa. Quanto maior o número de clicks, mais o autor fatura. E, como a mentira é fácil de produzir (é barata) e desperta o furor das audiências, um dos melhores negócios da atualidade é noticiar acontecimentos que nunca aconteceram de verdade – e que, mesmo assim, despertam emoções fortes nos chamados internautas” (Bucci, 2018, p. 09).

Pelo teor emocional que possuem as *fake news*, elas atingem públicos maiores que as verdadeiras informações, apuradas, checadas e escritas por um jornalista profissional. Essa característica impede que as matérias verídicas ganhem espaço e visibilidade, sendo um desafio até mesmo para as redações de jornais consolidados no mercado competirem com a desinformação.

“Vários levantamentos mostram que as notícias fraudulentas repercutem mais do que as verdadeiras. E mais rapidamente. E arrebatam as amplas massas de um modo acachapante, num grau jamais atingido pelos meios jornalísticos mais convencionais” (Bucci, 2018, p. 09).

Para achar maneiras de impedir a propagação de notícias fraudulentas e o fenômeno da desinformação, é preciso antes compreender a raiz do problema. As *fake news* possuem um propósito e são produzidas a fim de alcançar o público em massa. Além do fator econômico, a desinformação é justificativa para que empresas garantam sua hegemonia.

“Nesse sentido, as incertezas e confusões sobre a definição de fenômenos como desinformação e circulação de *fake news* podem se mostrar vantajosas para grupos corporativos midiáticos fortes e importantes como os citados, cujas ações de suposto combate às *fake news* podem estar vinculadas a interesses de manutenção de hegemonia e monopólio dos meios de comunicação” (Brisola; Bezerra, 2018, p. 03).

E se as *fake news* já eram problema, as chamadas ‘*deep fakes*’ confirmam o teor nocivo da informação falsa. A chegada e o desenvolvimento da inteligência artificial intensificam o fenômeno e comprovam a importância de se combater diariamente a desinformação. O computador é capaz de criar vídeos muito próximos do real, que podem ser facilmente confundidos com a realidade.

“O problema deve se agravar ainda mais com a chegada das *deep fake news*, que usam algoritmos inteligentes, baseados no aprendizado de máquina, para criar vídeos em que a imagem e a voz de qualquer pessoa podem ser introduzidas em situações constrangedoras ou criminosas, sem que o grande público tenha competência para discernir entre o que é realidade e o que é falsidade criada computacionalmente para atingir propósitos espúrios, quase sempre de controle e

domínio da esfera pública digital” (Costa; Romanini, 2019, p. 05).

O caso da Rede Emancipa

A existência de cursinhos de educação popular espalhados pelo Brasil são fundamentais e contribuem muito para levar educação de boa qualidade para os que estão à margem da sociedade. Ainda que a educação seja um direito básico de todo cidadão brasileiro, as políticas sociais não são capazes de atender a todos.

Desta forma, a Rede Emancipa se apoia no trabalho voluntário para proporcionar aos que não tiveram o privilégio de estudar a oportunidade de serem inseridos na sociedade, reconhecer o seu papel e se emancipar a partir do conhecimento.

“Sendo assim, os Cursinhos buscam uma educação que proporcione à classe trabalhadora um saber que seja instrumento de luta, para que estes estudantes se reconheçam como sujeitos históricos, ativos, reflexivos e capazes de transformar sua realidade” (Carvalho, 2013, p. 74). Os inscritos no curso têm em comum a vontade de conseguir completar a formação no Ensino Fundamental II e Médio, que ficaram incompletos devido a diversos motivos, entre eles a necessidade de trabalhar para garantir o sustento da família. Em geral, as pessoas que participam das aulas promovidas pela Rede Emancipa em Ribeirão Preto estão na faixa dos 40 anos de idade e há idosos também. A maioria do público é composto por mulheres. As histórias de vida desses estudantes se cruzam justamente na prioridade que deram ao trabalho ou criação de filhos na infância e adolescência em decorrência dos estudos. Agora adultas, essas pessoas reconhecem a importância de garantir o diploma e têm a ambição de continuar estudando. Muitas delas até sonham com uma vaga na universidade pública.

Os cursinhos populares da rede Emancipa são focados no Encceja, a prova que garante o diploma do ensino básico. Portanto, são ministradas disciplinas que norteiam as questões da prova como Matemática, Português e Redação. Carvalho (2013) ainda ressalta que, para além delas, o movimento social faz questão de dar o mesmo valor para conversas e debates que conscientizem as pessoas de sua importância na sociedade. Os movimentos emancipatórios visam dar visibilidade para minorias e incentivá-las na luta por espaço.

É muito comum que nas primeiras aulas do ano os inscritos sejam mais assíduos e, com o tempo, se sintam desmotivados a participar devido às dificuldades que enfrentam. Entre elas estão aprender o conteúdo, o transporte até o local onde os encontros são realizados e a disponibilidade aos sábados de manhã.

Pensando em inserir a informação, desinformação, *fake news* e o jornalismo no contexto das aulas, foi ministrada uma oficina, juntamente com uma roda de conversa, a fim de promover a participação dos alunos presentes. A atividade foi proposta no dia 25 de março no cursinho pré-Encceja Carolina Maria de Jesus, localizado na Vila Tibério em Ribeirão Preto. Na ocasião, oito estudantes integraram a dinâmica, coincidentemente todas mulheres.

O debate se iniciou com a apresentação do tema e o questionamento sobre o que são *fake news* e se os presentes as haviam recebido nos últimos tempos. Os alunos contribuíram com seu entendimento prévio sobre o conceito e afirmaram ser comum se deparar com notícias falsas em canais de comunicação como o WhatsApp.

Na sequência, foram distribuídas quatro diferentes manchetes sensacionalistas e notícias falsas entre os alunos, cada um recebendo duas delas. O objetivo era identificar a informação como falsa e escrever formas de se fazer isso a partir das características observadas. Foram formadas duplas, compostas por um aluno e um educador, a fim de facilitar o desenvolvimento da atividade e proporcionar suporte para o estudante.

Uma das *fake news* contidas no material utilizado na roda de conversa da Rede Emancipa dia 25 de março de 2023 é uma receita de imunização contra a febre amarela que foi veiculada no WhatsApp por meio de uma mensagem de texto. Entre os ingredientes estão alimentos como folha de couve, maçã, dente de alho, suco de limão e sopa de mel. De acordo com o passo a passo da receita, os ingredientes deveriam ser batidos no liquidificador e a bebida ingerida todos os dias. A orientação é que para os que já contraíram a doença, tomando a receita, em 12 dias estariam curados. Ao final da mensagem, há um apelo para que as pessoas não tomem a vacina contra a febre amarela para não serem cobaias dos governantes e alegando danos colaterais como meningite, síndrome de Guillain-Barré e encefalopatia.

Outra matéria deste mesmo material didático tem a manchete “As Novas Vacinas ainda causam Autismo e os Governos Sabem”, acompanhado de um texto que propõe que nos Estados Unidos, qualquer estudo científico, independente de metodologia e qualidade, é “descartado como incompleto, irrelevante ou sem suporte” caso seja encontrada uma ligação entre vacinas e distúrbios do autismo.

A terceira desinformação colocada para debate no material produzido para o cursinho aborda o assunto “Por que você jamais deveria vacinar o seu filho”, alegando que governos inventam epidemias e falsificam imagens para endossá-las. O texto, sem autoria, ainda garante que a indústria farmacêutica é uma organização criminosa que tenta envenenar a população para fidelizar

clientes. Além disso, vacinas estariam repletas de venenos e substâncias como mercúrio, alumínio, chumbo e até vírus vivos que, quando estocados nos órgãos internos causariam alergias, câncer, diabetes e a feminilização dos homens.

A última fake news que faz parte do conteúdo preparado para a roda de conversa no cursinho popular é uma mensagem difundida principalmente em grupos de WhatsApp com a informação de que um projeto para estampar o rosto da cantora Pablo Vittar nas notas de R\$ 50 estaria sendo encaminhado para a câmara de vereadores. Ainda de acordo com a mensagem, a Rede Globo e o PT seriam os organizadores do projeto, que incluía a mudança da frase “Deus seja louvado” para “Brasil país LGBT”. A mensagem é compartilhada junto à montagem da nota com o rosto da drag queen.

Após a análise dos textos e imagens em dupla, iniciou-se o bate-papo com cada aluno apontando o porquê das informações serem falsas, citando as características que deixaram em xeque a credibilidade da notícia. Dentre os apontamentos mais feitos, os alunos notaram que os veículos de comunicação eram desconhecidos, as informações eram sensacionalistas e havia erros gramaticais.

Os estudantes foram encorajados a, ainda em duplas, escreverem um parágrafo sobre o que aprenderam sobre as *fake news* na oficina e compartilharem na roda de conversa. Os comentários abriram margem para ser discutido o quanto as *fake news* estão presentes no dia a dia e a importância de saber diferenciá-las das verdadeiras notícias para não sermos ludibriados. A discussão ainda se estendeu para o jornalismo profissional, a rotina de uma agência de checagem de notícias, o trabalho de um jornalista e como funcionam os veículos de comunicação confiáveis. A discussão das vacinas se tornou ainda mais frequente durante a pandemia da Covid-19 e deixou muitas pessoas confusas sobre o tema, propiciando que desinformações circulassem com facilidade. Nesse cenário, o jornalismo profissional, sério e ético trabalhou em prol de desconstruir falácias que foram disseminadas e buscou incentivar a vacinação por meio da comprovação científica. A abertura de espaço que a mídia deu para profissionais de saúde especializados também deu voz e credibilidade ao esquema de vacinação, e contribuiu para que a verdadeira informação chegasse ao público.

Ter acesso à informação é um direito fundamental de todo cidadão, mas é preciso saber como recebê-la. Nesta oficina, os alunos adquiriram a habilidade de pensar criticamente antes de apenas aceitar a mensagem que lhe foi transmitida. É preciso primeiro entender qual a fonte da notícia e desconfiar sempre de sua credibilidade. A checagem é um fator primordial para não ser

enganado pelas *fake news*. A capacidade de saber identificar por si só uma notícia falsa é um fator emancipatório tendo em vista que as chances de ser mal informado reduzem drasticamente. Isso faz parte dos valores pregados pela Rede Emancipa em todas suas unidades de cursinhos populares.

Conclusão

A oficina colocada em prática no cursinho popular da Rede Emancipa em Ribeirão Preto deixou claro que o desconhecimento das *fake news* é real e ainda impacta muitas pessoas apesar do fácil acesso aos canais de comunicação. A educação midiática é um caminho viável para transmitir os conhecimentos acerca de como consumir as informações recebidas e saber checá-las antes de compartilhar. A desinformação causa danos e precisa ser combatida veementemente todos os dias.

Referências

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. **Desinformação e circulação de “fake news”**: distinções, diagnóstico e reação. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>.

BUCCI, E. **Pós-política e corrosão da verdade**. Revista USP, [S. l.], n. 116, p. 19-30, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i116p19-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574>.

BUCCI, E. **Seriam as fake news mais eficazes para campanhas de direita? – uma hipótese a partir das eleições de 2018 no Brasil**. Novos Olhares, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 21-29, 2019. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2019.162062. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/162062>.

CARVALHO, Márcio F. de. **A educação popular como princípio dos cursinhos populares**. Cadernos CIMEAC, Ribeirão Preto, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 73-82, 2013.

COSTA, M. C. C.; ROMANINI, V. **A educomunicação na batalha contra as fake news**. Comunicação & Educação, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 66-77, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p66-77. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165125>. Acesso em: 21 ago. 2023.

SILVA, M. L. **Pedagogia freireana na perspectiva da educomunicação popular.** Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 18, n. 3, p. 4–19, 2020. DOI: 10.14393/REP-v18n32019-48040. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/48040>.